



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **As *Web Pages* e as suas possibilidades de gerar conhecimento<sup>1</sup>**

**Fátima Aparecida dos Santos**

Centro de Artes de Votuporanga, SP

### **Resumo**

Esse trabalho tem como proposta fundamental o estudo da formação de significados não lineares, a geração de mensagens e a possibilidade de despertar processos associativos e cognitivos que auxiliem ou gerem conhecimentos através das páginas webs. Para solucionar a proposta acima organizamos uma possível estrutura de escrita e de leitura de textos no ambiente *web*. Podemos dizer que em uma página *web* existem várias linguagens sobrepostas, várias camadas, camadas de som, texto, imagens, animação etc. Cada uma das camadas tem sua estrutura de linguagem baseadas em duas formas de organização, que são utilizadas para escrituração de signos e na elaboração de mensagens. Procuramos também entender o processo de percepção, informação e escrituração de mensagens para no final tentar responder ao questionamento proposto no título.

**Palavras chaves:** percepção; conhecimento; web.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP15 – Núcleo de Pesquisa Semiótica da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



## **As Web Pages e as suas possibilidades de gerar conhecimento**

Esse trabalho tem como proposta fundamental o estudo da formação de significados não lineares, a geração de mensagens e a possibilidade de despertar processos associativos e cognitivos que auxiliem ou gerem conhecimentos através das páginas webs.

Para solucionar a proposta acima organizamos uma possível estrutura de escrita e de leitura de textos no ambiente *web*. Podemos dizer que em uma página *web* existem várias linguagens sobrepostas, várias camadas, camadas de som, texto, imagens, animação etc. Cada uma das camadas têm sua estrutura de linguagem baseadas em duas formas de organização, que são utilizadas para escrituração de signos e portanto na elaboração de mensagens.

*“Todo signo lingüístico implica dois modos de arranjo:*

*1-) A combinação. Todo signo é composto de signos constituintes e ou aparece em combinação com outros signos. Isso significa que qualquer unidade lingüística serve ao mesmo tempo, de contexto em uma unidade lingüística mais complexa. Segue-se daí que todo argumento efetivo de unidades lingüísticas liga-as numa unidade superior: combinação e contextura são as duas faces de um mesma operação.*

*2-) A seleção. Uma seleção entre termos alternativos implica a possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro. De fato, seleção e substituição são as duas faces de uma mesma operação.” Jakobson*

Segundo o raciocínio de Jakobson essas características podem ser ilustradas no que ele chama de eixo paradigmático e eixo sintagmático ou eixo da combinação e eixo da seleção. Podemos dizer que além desses eixos é possível pensar um outro, o eixo da sobreposição, ou um eixo Z. Na matemática e em outras ciências o Z é utilizado para propor espacialidade, aqui atribuiremos ao Z a responsabilidade de sobrepor linguagens e garantir a característica multimídia a uma página *web*.

Além da estrutura de escrita, apresentada acima simplificada, traçamos uma linha de pontos relevantes para análise de uma página *web*: a percepção, a informação e o



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

conhecimento. Com esses destaques buscamos responder a questão do *Design* na *Web* e o princípio de busca de informação.

## ***A Percepção***

É impossível falar de *Design* sem falar das questões da percepção. É sabido que as principais escolas de ensino de *Design* no Brasil trabalham com as descobertas de percepção feitas pela Gestalt (Escola de Psicologia Alemã que pesquisou empiricamente as características da percepção humana). A Gestalt considera que características do cérebro auxiliam na compreensão de uma imagem ou forma. Segundo essa teoria cada imagem percebida é o resultado da interação de duas forças: As forças externas sendo os agentes luminosos bombardeadores da retina e as forças internas constituindo a tendência de organizar, de estruturar de melhor forma possível esses estímulos exteriores. A Gestalt estuda a percepção de cores, de formas, de objetos e estabelece uma lista de princípios que permitem entender a percepção. É com essa lista, não mais com os experimentos, que as principais escolas de *Design* brasileiras trabalham. Noções de pregnância de formas, contraste de tons, de cores e unidades são fundamentais para esse tipo de abordagem.

As constatações da Gestalt não nos satisfazia pois a teoria fala de cor, de forma, portanto de uma percepção meramente visual e como já dissemos em vários tópicos dessa pesquisa a *web* e os ambientes multimídia trabalham com a visão, com a audição e também como o “tato” ou seja com outros canais de percepção além do olhar.

Na busca de uma teoria que não considerasse apenas as formas e a visão percebemos que essas são as principais divergências entre as correntes ou escolas que estudam a percepção.

A partir do Livro *Percepção- Uma teoria semiótica*, escrito por Lúcia Santaella podemos resumir as principais correntes da seguinte forma:

### **Construtivistas**

A percepção consiste em acrescentar significado por correlação ou associação ao estímulo visual, em constante variação e essencialmente desestruturado,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

através de um processo de inferência probabilística...é a mente que constrói e elabora as formas, uma vez que o estímulo é essencialmente desestruturado.

O principal representante dessa corrente seria Gombrich.

### **Gestaltivistas**

Concebem a percepção como fruto de uma organização mental num processo de inferência determinista. A Gestalt postula que, na própria estimulação sensoria, já há uma síntese de modo que o estímulo não explica esse todo. Se somarmos todos os estímulos que recebemos do mundo, o resultado será maior do que essa soma. Alguma coisa existe da qual a soma não dá conta.

### **Gibsonianos**

Alegam que a percepção consiste em captar estruturas significativas na luz, através de um processo de inferência determinado. A luz tem certas invariâncias- gradientes- e é nisso que Gibson se concentrou...Gibson se fixou na determinação das invariantes da luz para o olho, invariantes específicas que explicam as propriedades persistentes do ambiente. Daí sua teoria ser chamada de teoria ecológica da percepção. As estruturas invariantes não podem existir exceto em relação às variantes. Segundo Gibson, variância e invariância são recíprocas e a variância inclui não apenas qualquer variação momentânea como também o fluxo ótico causado pela locomoção e mudança de iluminação.

### **Teoria Gerativa da Percepção**

Existe ainda uma quarta possibilidade a da Teoria Gerativa da Percepção: A aparência momentânea e a invariante está em igualdade de condições, sustentando que os componentes variantes e invariantes existem num campo comum de geometria projetiva.

Embora por força do meio tenhamos que considerar os demais canais de percepção iniciamos nossa pesquisa pelos olhos o que nos fez examinar as minúcias desse órgão e assim entendê-lo como parte de um organismo maior.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Não é nosso intuito explicar nossa pesquisa através das correntes neovolucionistas, mas existem alguns fatores apresentados por elas que nos chamam atenção quando vamos estudar a percepção humana e em particular a visão.

Dennett diz:

*“Sabemos que os olhos evoluíram independentemente muitas vezes, mas a visão sem dúvida não é uma necessidade na Terra, já que as plantas vivem muito bem sem ela. Um forte argumento, entretanto, diria que, se um organismo aumenta seus projetos metabólicos locomovendo-se, e se o meio em que a locomoção ocorre é transparente ou translúcido e amplamente suprido de luz ambiente, então, já que a locomoção funciona muito melhor ( favorecendo os objetivos de auto proteção, metabólicos sobre objetos na periferia e como essas informações podem ser acumuladas de modo fiel e a baixo custo pela visão, então ela está assegurada. Portanto, não nos surpreenderíamos se organismos que se locomovem em outros planetas (com atmosferas transparentes) tivessem olhos. Olhos são obviamente uma boa solução para um problema bastante comum que seria encontrado com frequência por metabolizadores em movimento.” Dennett*

Assim, com essas observações entramos em um acordo de que os olhos são importantes para perceber um ambiente principalmente para seres que necessitam se movimentar. Dessa observação que concluímos que não é somente o olho humano que interessa e sim um conjunto dele com o próprio ambiente. Seres que se movimentam estão em um ambiente e possuem não apenas um olho que se emociona ou é sensibilizado pela luz, mas sim um conjunto de órgãos que percebem o ambiente por todos os outros sentidos. A proposta de estudar a percepção e a opção pela teoria ecológica de Gibson nos permite traçar uma relação entre a percepção de um ambiente, sua representação, as leituras e percepções sobre essa representação e o conceito de ambiente na *web*.

*“Os cinco sistemas de percepção correspondem aos cinco modos de super atenção. Eles têm sobreposição de funções e são ao todo mais ou menos subordinados a toda uma orientação de sistemas. Um sistema é um órgão, ao passo que um sensor é um receptor.”*  
Gibson



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A possibilidade de sobrepor modos de percepção nos permite traçar uma relação com a sobreposição de linguagens, no entanto não podemos afirmar, ainda, como as camadas de linguagem são percebidas, se separadamente ou ainda se ao todo como ambiente cognitivo. Essa dúvida é desnorante porque nos faz pensar em um ambiente cognitivo, em uma camada unificada pelo vídeo, em uma percepção ambiental e no achatamento de detalhes. São questões que vamos administrar e tentar encontrar uma resposta para elas até o fim desse texto.

O olhar é colocado por Gibson de uma forma interessante e nos permite considerar outras possibilidades para a nossa pesquisa. Gibson faz uma proposta tentadora, principalmente no nosso caso, uma vez que já havíamos proposto um ambiente constituído de linguagens sobrepostas, Gibson coloca um ambiente de percepção sobreposta e trabalha com o olho dentro de todo um sistema maior. Para ele a percepção, não é resultado apenas de um órgão e sim do conjunto deles em constante contato com o ambiente cognitivo. Pensar que a percepção de uma tela depende do movimento do pescoço, dos olhos e do próprio corpo parece obvio, no entanto é muito difícil levar essas características em consideração ao se projetar uma página *web*. E ainda mais ao se pensar a percepção de uma forma em geral. A teoria de Gibson nos propõe outros elementos além do conjunto de órgãos e super órgãos de percepção: estruturas invariantes e variantes e o ser humano caminhando por esse fluxo de informações, a idéia de que o homem só percebe coisas que ele sabe que existe ou estruturas conhecidas chamam a atenção. Num primeiro momento esse pensamento entra em choque com tudo aquilo que já lemos em Jakobson e Peirce, entra em choque com a questão da poesia e do estranhamento, mas ao relermos as colocações de Gibson podemos perceber que ele trabalha com dois conceitos: as variantes e as invariantes. As características invariantes nos permitirão localizar no objeto ou na coisa em si aqueles elementos que permitem classificar a coisa dentro de uma gama de conhecimentos que já temos, uma vez reconhecido esse universo, passamos a observar ou comparar esse objeto e percebemos que nele existem coisas inclassificáveis que constituem características só deles e essas coisas que não conseguimos classificar adicionadas àquelas estruturas que já conhecemos é que acabaram definindo a qualidade da coisa e garantindo a



elas o seu estatuto de único e de coisa em si. O choque primitivo de só perceber através de um conhecimento prévio fará sentido quando comparamos essa teoria com o acúmulo de repertório, só podemos classificar algo, conhecer suas possibilidades se já tivermos feito um percurso semelhante pelo menos uma vez. A cada nova informação que vamos adquirindo ganhamos a possibilidade de uma releitura das características do objeto ou do texto.

## **Informação**

Trabalhar com percepção e conhecimento exige conceituar informação, é dela que estamos falando, perceber é perceber alguma coisa e conhecer é ter a posse de determinadas informações.

Na própria teoria da comunicação ou na definição das diferentes linhas de escritas o conceito de informação se faz necessário. Aqui procuraremos colocar a informação de acordo com duas principais linhas:

- \_a informação do ponto de vista das ciências cognitivas;
- \_a informação do ponto de vista da teoria da comunicação e da informação.

Mas uma vez procuraremos concentrar no conceito de informação, pensando em uma linha lógica e simples. Entendemos as páginas *webs* como um elemento de comunicação, cuja função seja levar uma informação e estamos investigando a possibilidade dessa informação colaborar para a geração de um conhecimento.

De acordo com os preceitos da teoria da comunicação, descrita por Jakobson, temos a chave para entender informação dentro da teoria da comunicação a partir. Jakobson nos diz que:

*“...a análise lingüística conseguiu resolver o discurso oral numa série finita de unidades elementares de informação. Estas unidades discretas finais, os chamados “traços distintivos”, acham-se agrupadas em feixes simultâneos denominados “fonemas”, que, por*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

*sua vez, se encadeiam em seqüências. Destarte, a forma, na linguagem, tem uma estrutura claramente granular e é suscetível de descrição quântica.” Jakobson*

Mais adiante Jakobson relaciona a questão da informação com a questão binária e nos dá a chave que o entendimento dessa teoria passa por questões matemáticas, bem como a consideração de um sistema de Input-Output, entrada e saída de informação:

*“A descoberta progressiva, pela Lingüística, de um princípio dicotômico, que está na base de todo o sistema dos traços distintivos da linguagem, foi corroborada pelo fato de os engenheiros de comunicações empregarem signos binários (binary digits, ou bits, para usar a “palavra-valise”) como uma unidade de medida. Quando eles definem a informação seletiva de uma mensagem como o número mínimo de decisões binárias que permitam ao receptor reconstruir aquilo que precisa extrair da mensagem, como base de dados já à sua disposição.” Jakobson*

Embora saibamos que as definições levantadas por Jakobson tinham como objetivo explicar a língua, sabemos também que essa definição de unidades de informação pode ser utilizada para qualquer traço distintivo de um sistema de mensagens independente de terem como base uma linguagem verbal, visual ou sonora.

As definições apontadas por Jakobson têm sua origem na teoria cibernética de Wiener, pode nos ajudar traçar uma relação entre informação, acúmulo e conhecimento, essa relação quer queiramos ou não fará parte de teorias elaboradas recentemente seja como contraponto seja como base de pesquisas mais atuais.

*“Informação é termo que designa o conteúdo daquilo que permutamos com o mundo exterior ao ajustar-nos a ele, e que faz com que nosso ajustamento seja nele percebido.” Wiener*

A percepção não conforme discussões anteriores mas como resultado da informação que se ajusta através da nossa troca com o mundo, uma informação que emociona os sistemas de percepção justamente por ser uma mensagem nova, diferenciada.

Já em Gibson, em 1966, encontramos um conceito de *“informação que possui um caráter dual. Em primeiro lugar, pode-se caracterizar a informação como um elemento*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

*objetivo que existe no meio ambiente em decorrência de suas propriedades relativamente permanentes, constituindo as invariantes estruturais e transformacionais.”Gibson*

E em 1980:

*“Informação, como o termo é usado neste livro (não em outros livros), recorre a especificação do ambiente de observador, não para especificação dos receptores de observador ou órgãos do sentido. As qualidades dos objetos são especificadas através de informação; as qualidades dos receptores e nervos são especificadas através de informação; as qualidades dos receptores e nervos são especificadas por sensações. Informação sobre cortes diretos no mundo das qualidades da sensação.”*

O que podemos resumir de Gibson é uma definição de informação como qualidade da coisa, comparando esse conceito com os da percepção, conseguimos levantar uma hipótese bastante interessante: a percepção através da qualidade, ou ainda a qualidade como característica da coisa, do objeto ou do texto e é pela variação de qualidades que temos uma variação de possibilidades dentro de estruturas reconhecidas gerando objetos ao mesmo tempo únicos que reconhecemos pela sua organização.

## **O Conhecimento**

### **A web, enquanto projeto de design é capaz de gerar conhecimento?**

O problema principal da nossa pesquisa reside na seguinte questão: Como o *design* da Internet é capaz de transmitir conhecimento?

Para que nós possamos fazer esse tipo de questionamento evidentemente teremos que resolver algumas questões. Quando falamos em *design* de página estamos falando no arranjo geral dos múltiplos códigos que compõem a escrita de uma página *web*, nesse assunto estaremos tangenciando a questão da linguagem, não enquanto sistema modelizante primário que é o que a palavra linguagem nos remete, mas sim enquanto um arranjo de múltiplos códigos presentes nas *webs*, ou sejam arranjos modelizantes dinâmicos e simultâneos uma vez que traduzem, sobrepõem e porque não dizer geram linguagens interativas, assim a sobreposição de linguagens proporciona ambiente tridimensional, sobreposição de linguagens, modelização simultânea, comparação de linguagens, ambientes



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

semióticos que traduz e reorganiza um texto em outro texto, um arranjo de signos em outros signos. Quando falamos em conhecimento não estamos falando do tipo de informação adquiridas na leitura, de textos divulgados na Internet. Estamos falando do tipo de processo que uma poesia visual é capaz de despertar, estamos falando no conhecimento possível a partir de um múltiplo texto onde imagens, sons, movimentos dialogam com textos escritos despertando o que Peirce chamaria de processo abduativo.

Conhecimento e informação são temas presentes no trabalho de vários pesquisadores, incluindo Weiner que fazem parte da nossa bibliografia de apoio. Podemos dizer que não só a informação como também seu acúmulo corresponde diretamente a associações possíveis e a uma melhor expressão ou conexão entre nossas idéias, em Leibniz essa noção de repertório já pode ser percebida no segundo parágrafo do seu primeiro capítulo sobre conhecimento, diz ele:

*“O conhecimento tem ainda um sentido mais geral de sorte que se encontra também nas idéias ou termos, antes de chegarmos às proposições ou verdade. Pode-se dizer que aquele que tiver visto com atenção mais retratos de plantas e de animais, mais figuras de máquinas, mais descrições ou representações de casas ou de fortalezas, que tiver lido mais romances engenhosos, ouvido mais narrações curiosas, este, digo eu, terá mais conhecimento que um outro...” Leibniz*

Se em Leibniz a noção de conhecimento vem acompanhada da noção de acúmulo de informação, em Weiner essa questão fica ainda mais explícita, pois para ele informação tem sempre uma relação com troca:

*“Na verdade, é possível interpretar a informação conduzida por uma mensagem como sendo, essencialmente, o negativo de sua entropia e o logitimo negativo de sua probabilidade. Vale dizer, quanto mais provável seja a mensagem, menor será a informação que propicia. Os chavões, por exemplo, são menos alumbradores que os grandes poemas.”(Weiner)*

Deduzindo: quanto mais mensagens lermos com conteúdo diferenciado mais conhecimentos teremos. Nesse caso podemos dizer que a organização de uma mensagem é o motivo de diferenciação? O arranjo dos códigos que compõem uma mensagem, o diálogo



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

entre as várias linguagens certamente é fator fundamental na leitura de uma página *web*. Podemos identificar os itens apontados como sendo parte das funções da linguagem, poderemos perceber que alguns arranjos conseguem ser o esperado, porém, outros arranjos conseguem conduzir a uma nova apreensão despertando o processo abduutivo.

Acabamos de utilizar um conceito peiceano que é de suma importância para o entendimento da nossa linha de raciocínio, Peirce define abdução da seguinte forma:

*“A inspiração abduativa acontece em nós num lampejo. É um ato de insight, embora extremamente falível. É verdade que os elementos da hipótese estavam antes em nossa mente; mas é a idéia de associar o que nunca antes pensáramos em associar que faz lampear a inspiração abduativa em nós.”* Peirce

Logo, o que podemos intuir, é que cada elemento daquilo que consideramos conhecimento é adquirido separadamente e aos poucos um mecanismo especial dentro de nós transforma isso em algo maior para Peirce: *insight*, abdução.

O conhecimento tem uma relação muito intrínseca com a percepção pois é através desse processo que as informações passam pelos nossos sentidos e ficam armazenadas em nossa memória. Podemos intuir que só as mensagens capazes de despertar ou surpreender adentram nosso universo e permanecer como dado possível de ser acessado. É nesse ponto que mensagens construídas a partir de composições visuais e sonoras caminhando juntas com textos escritos funcionariam como condutores potenciais de conhecimento.

## ***Relação conhecimento e acúmulo de informação***

Podemos intuir que uma mensagem formada com elementos não comuns ao emissor ou ao receptor permite conter um maior volume de informações, passando pela afirmativa de Weiner de que quanto mais provável for a mensagem, menor é o potencial de informação dessa, assim escritas poéticas independente da linguagem, auxiliam no processo de conhecimento, principalmente porque a partir de elementos conhecidos pelo leitor, essa forma de compor mensagens transforma sintaxes surpreendendo o receptor, capturando a sua atenção pelos pontos conhecidos para levá-lo até a informação que ele ainda não tem, esse pensamento também possui um paralelo com a teoria ecologia de Gibson. Podemos



evidenciar aqui que a palavra metáfora significa transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa, se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado. Essas estruturas de linguagem estão presentes em qualquer forma de escrita com códigos sejam eles verbais, sonoros ou visuais.

## **Texto Representação e Abdução.**

Peirce estabelece que a partir do momento que generalizamos ou criamos regras, relacionamos fatos, estamos organizando pensamentos e tornando possível a divulgação do conhecimento.

A base da teoria semiótica de Peirce é também indispensável quando procuramos descrever conhecimento e percepção. As categorias de representação pensadas por ele, nos auxiliam na descrição da percepção e também na tentativa de entender o processo de aquisição de conhecimento e geração de informação.

Nosso principal questionamento nessa pesquisa é se uma página *web* pode ser capaz de gerar conhecimento a partir do seu *design*, de sua organização. Quando falamos em *design* de páginas *web*, descrevemos uma organização de signos, uma escrita multitextual caminhando pela terceiridade.

Circulamos pela questão inicialmente proposta e apresentamos acima algumas definições, dentro das linhas da semiótica, que nos permitiu delinear qual o conceito de conhecimento com o qual estamos trabalhando. Entretanto todo esse estudo nos fez refletir sobre a pergunta e sobre a resposta e nos permitiu formular a questão de uma outra forma. A pergunta não é se a Internet é capaz de gerar conhecimento e sim quais as organizações que geram sentido e despertam o pensamento e a associação de idéias? Como o ser humano é capaz de assimilar novas informações? Como essas informações se associam e geram novas idéias? Como essas idéias geram conhecimento?

A proposta de se ler a *Internet* como um ambiente tridimensional exibido numa tela bidimensional, nos faz reler algumas obras e artistas do início do modernismo e chegar a conclusão que os *hiperlinks* são uma outra tentativa de mostrar várias faces de um mesmo objeto, só que agora esse mesmo objeto tem a possibilidade de ser escrito por diferentes



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

autores. Quando Picasso pintou as Senhoritas D'avignon ou quando Tatlin produziu seus contra-relevos conseguiram mostrar as diferentes faces de uma representação em uma única obra, ou de fazer o observador caminhar em volta do objeto e assim guardar dele um elevado número de informações. Na Internet temos a possibilidade de nos movimentar em volta de textos, porém, cada um deles pode ser escrito ou pintado com um tom diferente.

Caminhar em volta do objeto é esse o tipo de conhecimento permitido pela Internet. Embora seja um plano bidimensional é possível com a variação de linguagens, observar diferentes representações de um mesmo fato para chegar a um consenso sobre ele.

Existem vários sites com os quais podemos demonstrar essa relação, dentre eles escolhemos alguns pontos do [www.mycity.com.br](http://www.mycity.com.br), uma exposição virtual de sites de várias cidades do mundo inteiro, cada cidade representada por um *web designer* da própria cidade, escolhemos a cidade de São Paulo e nesse trabalho procuraremos demonstrar a ligação entre as várias linguagens utilizadas em um site, além da possibilidade de conhecimento pelo estranhamento e pela poética.

#### **A tela inicial do site:**

O *web designer* que retratou a cidade de São Paulo escolheu um texto inicial (des) dimensional e ao lado uma fotografia “tímida” na qual se percebem duas figuras, cada uma em uma dimensão diferente, tanto no sentido físico, quanto social, mas que ao mesmo tempo se contemplam, se completam. A ousadia de se recusar uma oferta, as possibilidades de dimensões: tridimensional no painel que serve como definição de profundidade para o ambiente fotografado. A união dessas duas linguagens: texto/imagem sugere o que veremos.

Na próxima tela veremos do lado direito, contrariando às tradicionais estruturas de sites, um menu de opções, uma coleção de links. Mas quanto tempo um internauta levaria para descobrir que as marcas desse corpo são na verdade links? Ao ler o texto percebemos as relações entre as tatuagens, as marcas de um corpo vivo com a própria cidade, ao se passar o mouse sobre elas um movimento de pele revela a sensibilidade. Mas afinal cada tatuagem cicartiz vai levar a que?



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Podemos traçar uma oposição ou um contraste, desde do início do site com as desdimensões da fotografia e agora uma tentativa do *web designer* de dimensionar a cidade por todos os seus espaços.

A primeira marca ou tatuagem revela três pontos, três sois, um com a inicial O, outro H e o último A. Ao passar o mouse sobre a letra O temos um movimento da pele, um afundar, e do lado esquerdo surge um texto que dá o significado completo da letra O, tradução imediata de ONTEM, ao mesmo tempo que um texto verbal maior introduz a história da fundação da cidade e sua transformação em metrópole, junto, uma música suave e um quadro, como um olho, mostrando fotografias em preto e branco, antigas, das principais ruas da cidade em um outro tempo, essas fotografias são trocadas automaticamente com uma baixa velocidade que somada à música traz a sensação de uma outra velocidade de vida.

A letra H, revela uma página que retrata a cidade hoje, embora a distribuição de elementos na tela ainda seja a mesma, alguns sinais dão o tom de algo novo, existe uma continuidade com a página descrita anteriormente, pela cor, pela tipologia, pela distribuição de elementos, porém uma música rápida em ritmo alucinante introduz o novo, além de um “video-fotografia” que posiciona o olho do internauta como se esse estivesse sobre uma moto, nas ruas da cidade em alta velocidade, ou seja um ritmo acelerado.

Quando chegamos na letra A já sabemos que iremos ver o retrato da cidade amanhã, já descobrimos que o conjunto de sois está contando o tempo da cidade, já descobrimos que cada época revela um ritmo, que a posição do texto se repetirá e que provavelmente a cor de fundo da página será cinza, certo?

Como vemos, as deduções feitas pelo reconhecimento das estruturas que julgávamos invariantes nos surpreende, porém não ao ponto da página perder a unidade com as anteriores.

A tipologia, a cor da página, a posição da letra muda, mas existem alguns elementos que se mantêm: a barra de menus, os retângulos com cantos arredondados que servem de olho e outros sinais gráficos, ao clicar na imagem não temos mais nem o ritmo melódico que retratou a cidade antiga, nem o ritmo alucinante que retrata a cidade hoje,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

mas sim a repetição da mesma imagem, sem movimento, desenhos, não mais fotos, indicando o ato de escrita, ou seja agora a escolha é sua.

Em cada um dos sinais do braço encontramos aspectos da cidade que vão retratar lados positivos e negativos, como os contrastes sugeridos no início. Assim cada desenho, cada texto, tem uma referência metalinguística que vai revelando uma outra possibilidade para aquela primeira representação e não apenas isso, esses vínculos vão ampliando o significado de cada marca, atribuindo áquele primeiro sinal um conjunto muito maior de informações, um conjunto de mensagens que irá traduzir para os internautas uma possibilidade de leitura da cidade de São Paulo. Da mesma forma que fizemos esse recorte e observamos sinais de um único site, podemos encontrar também outras referências à cidade de São Paulo na web. A soma dessas referências irá revelar um conjunto de informações sobre a cidade e permitir às pessoas o conhecimento ou o reconhecimento desse território. No caso do site citado, além do reconhecimento o conjunto de linguagens permite também uma reflexão, a medida que propõem questionamentos como o por quê da fotografia do mendigo e do garçon, a medida que se navega pelo site podemos ir encontrando significado para a primeira página a partir das relações feitas. É com esse cruzamento de linguagens que acreditamos que a *web* é capaz de transmitir informações que geram conhecimento.

Stiven Pinker vem completar o elenco de teóricos aos quais recorreremos para fundamentar nossas pesquisas e descobertas, segundo ele:

*...a mente deve seu poder às suas habilidades sintáticas, compositivas e combinatórias. Nossas idéias complexas são construídas a partir de idéias mais simples, e o significado do todo determina-se pelos significados das partes e pelos significados das relações que as conectam: “parte de um todo”, “exemplo de uma categoria”, “ coisa em um lugar”, “agente exercendo força”, “causa de um efeito”, “mente com uma crença”. Essas conexões lógicas e semelhantes a leis fornecem os significados das sentenças na fala cotidiana e, por meio de analogias e metáforas, emprestam suas estruturas aos conteúdos esotéricos da ciência e da matemática, nos quais elas são montadas formando edifícios teóricos cada vez maiores. Pinker*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Essas afirmações permitem a nós elaborarmos um caminho que justifique um conhecimento como o da *web* que caminha somente por entre representações, sem objetos reais, utilizando códigos básicos e possíveis de serem lidos, mas que por outro lado, a partir dessa base, consegue dependendo da habilidade do seu escritor, gerar metáforas que possam montar edifícios diferentes dos já erguidos gerando informação.

Durante as leituras que fizemos dos textos de Stiven Pinker podemos perceber que conhecer somente através de códigos não é uma característica única da Internet, que é possível trabalhar com conhecimento não empíricos, a propósito isso já tem sido feito há bastante tempo, o que são os livros senão relato de uma experiência que não tivemos? O surpreendente disso é que mesmo que não tenhamos vivido a experiência em alguns casos o nosso processo de associação permite que tenhamos alguma propriedade sobre o conhecimento codificado adquirido:

*“O conhecimento, também, gera o paradoxo de que os conhecedores têm uma noção de coisas que nunca os afetaram. Nossa total perplexidade ante os enigmas da consciência, do eu, da vontade e do conhecimento pode provir de uma incompatibilidade entre a própria natureza desses problemas e o aparato computacional com que a seleção natural nos equipou.” Pinker*

## **Conhecimento como terceiro**

*“Parece haver na mente uma tendência à generalização que busca subsumir ao conceito um número maior de fenômenos, tornando-o por isso, mais geral. Experimentar a síntese de outro lado, traz consigo o sentido de aprendizagem, de detecção de um novo conceito na consciência fazendo a mediação ser da natureza da cognição. Esta experiências imediatas de primeiro e segundo, um sentido de fluxo do tempo caracterizado na urdidura do processo de cognição.” Ibrí*

Quando falamos em *Web Design*, descrevemos um conhecimento, *a priori*, ligado por uma língua comum, mas que precisa de outros códigos para ser dito, tais como, imagens, organização visual, sons, entre outros. A grande diferença é que no ambiente da *web* conseguimos ultrapassar determinadas barreiras e determinados universos. Quando deparamos com um site novo, com novos arranjos de códigos provavelmente essa



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

informação passará em branco se o usuário não conseguir fazer relações e ler as frases escritas. Uma frase de cunho popular afirma que uma imagem vale mais do que mil palavras. Assim confiamos em uma imagem para informar algo que o texto não deu conta de transmitir. Mas não havíamos pensado ainda na possibilidade dessa mesma imagem se transformar por força dos processos em letra e na capacidade que cada autor tem de organizar essas informações para contar algo.

Independente do tipo de representação utilizado na Internet ela sempre é um arranjo de texto que necessitam de uma organização para significar algo. O *designer* é o grande escritor desses códigos organizados que devem se comportar como texto.

Uma linha em baixo da outra não define a organização de um texto. A posição de cada um dos sintagmas sim, o modo como esse escritor organiza as palavras contidas no texto vai garantir originalidade bem como permitir que cada usuário descubra ou trace relações entre os conhecimentos contidos nesse texto.

Ao *designer* são fadados dois grandes fazeres: o de tornar o código, o texto, legível e ao mesmo tempo organizá-lo de tal forma que esse seja uma novidade, ou desperte o raciocínio do internauta.

É dito que o *designer* é o poeta da visualidade, e é dito também pelo próprio Jakobson que poesia é a organização não casual de elementos, é a sobreposição de paradigmas e sintagmas, é o deslocamento de elementos do cotidiano para uma outra posição que interroga o olhar do leitor. Assim a organização visual das páginas de Internet para despertar esse olhar, provocar a leitura, acumular dados e gerar o conhecimento, necessita de uma organização que desperte o olhar.

Em alguns sites essa organização diferenciada além de despertar o olhar captura o imaginário para um outro mundo e desperta o devaneio. Devaneio no sentido Peirceano de permitir ao pensamento vagar sobre determinado fato, de causar associações e gerar conhecimento como perguntávamos no início desse texto.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **Bibliografia**

- DENNET, Daniel C.** A Perigosa Idéia de Darwin. Rio de Janeiro: Rocco, 1998
- GIBSON, James J.** The Ecological Approach to Visual Perception. London: Lawrence Erlbaum Associates, Publisher, 1986
- HESSSEN, Johannes.** Teoria do Conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- IBRI, Ivo.** Kósmos Noetós. São Paulo: Perspectiva- (Coleção Estudos, 1992).
- JAKOBSON, Roman.** Lingüística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 1995.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm.** Novos ensaios sobre o entendimento humano- Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural ( Coleção os Pensadores, 1999)
- LOTMAN, I.** El texto en el texto ( trad. Navarro), Critérios, 1993: 117-132
- PEIRCE, Charles Sanders.** Semiótica e Filosofia. São Paulo, Cultrix, 1984.  
\_\_\_\_\_. Escritos Coligidos- Seleção e Tradução Armando Mooura D'OLIVEIRA. SÃO PAULO: VICTOR CIVITA (COLEÇÃO OS PENSADORES, 1983).
- PINKER, Steven.** Como a menta funciona. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SANTAELLA, Lúcia.** A Percepção- Uma teoria semiótica. São Paulo: Experimento, 1993.
- WEINER, N.** Cibernética e Sociedade: o uso de seres humanos, 9<sup>a</sup>. ed. ( tradução de José P. Paes). São Paulo: Cultrix, 1993.